

## VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DE UM ANTIGO COMÉRCIO: A FAIANÇA FINA NA URUGUAIANA DO SÉCULO XIX

Ronaldo Bernardino Colvero<sup>1</sup>

Jeremyas Machado Silva<sup>2</sup>

Resumo: No final do século XIX o porto de Uruguaiiana fomentou importantes relações comerciais com os países platinos. Estas atividades foram plausíveis através da navegação do rio da Prata e rio Uruguai por onde eram contrabandeados e transportados produtos de origem européia. Este antigo comércio promoveu o consumo da faiança fina por uma sociedade que era influenciada por tendências e formas comportamentais eurocêntricas. É neste contexto histórico e regional que a louça pode ser considerada não somente funcional, mas portadora de uma linguagem que nos revela o status social e a identidade de uma classe que idealiza o estilo de vida burguês da época.

Palavras chave: faiança fina – status – Uruguaiiana – comércio – arqueologia

No final do século XIX o Rio Grande do Sul ampliou fortes relações comerciais com a região platina da América Latina. Esta atividade econômica foi plausível através da navegação do rio da Prata e rio Uruguai por onde eram transportados e contrabandeados múltiplos produtos de origem européia que chegavam as cidades da fronteira. Neste estudo apresentado ao leitor, ênfase o comércio realizado em Uruguaiiana, sua dimensão histórica e interatividade com o social.

O povoamento que deu origem a cidade de Uruguaiiana<sup>3</sup>, no Rio Grande do Sul, foi edificado com o propósito de guarnição e monopolização assegurada da área pelo exército revolucionário farroupilha. No ano de 1843 o povoado situado nas proximidades da fronteira com o Uruguai, mudou-se, conforme alguns historiadores, por influências das freqüentes cheias no local, para um lugar chamado Coxilha do Capão do Tigre, situado a poucos quilômetros do antigo ponto. Em 1846, o povoamento localizado às margens do Rio Uruguai, foi elevado à vila, e em 1847, oficializado cidade emancipando-se do município de Alegrete.

O porto localizado em Uruguaiiana na bacia do rio Uruguai era um espaço privilegiado e fundamental no desenvolvimento regional da banda de fronteira do Rio Grande do Sul com os países platinos. Desse modo, esse antigo comércio, apontou fidedignos remanescentes arqueológicos na área

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Puc Porto Alegre RS, Prof. Adjunto da Universidade Federal do Pampa Campus de São Borja.

<sup>2</sup> Professor de história, graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisador do Instituto Histórico, Cultural e Geográfico de Uruguaiiana.

<sup>3</sup> Uruguaiiana é um município brasileiro, situado no extremo ocidental do estado do Rio Grande do Sul, junto à fronteira fluvial com a Argentina. É um dos 10 municípios bi-fronteiriços do Brasil, fazendo divisa simultaneamente com terras da Argentina e do Uruguai. A cidade tem grande importância estratégica comercial internacional, tendo em vista que está localizada equidistante de Porto Alegre, Montevideú, Buenos Aires e Assunção. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Uruguaiiana> - acesso em 25/02/2010.

urbana de Uruguaiana. Assim sendo desenvolvi uma pesquisa onde foram coletados em uma residência localizada no centro da cidade<sup>4</sup> diversos fragmentos de faiança fina procedentes da Europa.

É neste contexto histórico e regional, que a faiança fina pode ser considerada não somente uma louça funcional em uso no cotidiano doméstico, mas portadora de uma linguagem que revela o *status* social e a identidade de uma classe que idealiza o estilo de vida burguês e europeu da sua época.

Vejamos agora uma breve contextualização histórica sobre a produção da faiança fina na Europa para gradativamente compreender-mos ao longo deste capítulo que pressupostos utilizo para fundamentar o que afirmo logo acima.

Início portando, uma análise ligeiramente didática para que o leitor compreenda o que chamamos por faiança fina, onde, e quando surgiu, e quais eram as suas finalidades.

A faiança fina é, portanto, uma classe de cerâmica que proporcionou uma inovação no mercado de utensílios domésticos na Europa do século dezoito, quando a nova tendência inglesa, inteiramente despontava-se à deglutição e a apreciação do chá. É no apropriado momento, em que o consumismo europeu está despertando e conseqüentemente acabará por se desenvolver no seio da sociedade burguesa, que este novo produto vai sublevar uma nova voga<sup>5</sup>.

No ano de 1759 em Staffordshire, Inglaterra, o avô materno de Charles Darwin<sup>6</sup>, o ceramista Josiah Wedgwood apurou as técnicas de fabricação da faiança fina.

Durante os seus diversos períodos de fabricação partindo do final do século dezoito, ao início do século vinte, a faiança fina européia sofreu diversas transformações em seu modo de produção. Neste processo, ganhou o emprego de diferentes tecnologias na constituição da sua pasta e seu esmalte, e obteve variadas técnicas na aplicação de estilos e figuras. Sobre o esmalte das peças foi possível aplicar formas decorativas e artísticas, pinturas, transferências de imagens, relevos e carimbos, processos que ao longo dos anos foram ganhando características únicas segundo o aperfeiçoamento da indústria. Desta forma, com o emprego e a valorização da arte nas peças, esta louça tomou o cenário burguês ganhando além da sua colocação prática e funcional, uma conotação

---

<sup>4</sup> Residência localizada na rua: João Manoel nº 2611, centro de Uruguaiana.

<sup>5</sup> VOGA, Sf. Ato de vogar; movimento de remos; divulgação; popularidade; reputação; uso atual; moda. Dicionário escolar da língua portuguesa / Francisco da Silveira Bueno; colaboração de Dinorah da Silveira Campos Pecoraro, Giglio Pecoraro, Geraldo Bressane. – 11º Ed./ 13ª tiragem – Rio de Janeiro; FAE, 1994. P. 1204.

<sup>6</sup> Charles Robert Darwin (Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809 — Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. Ver mais em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Darwin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin) acesso em 26/02/2010.

simbólica de *status*.<sup>7</sup> A louça fez muito sucesso na Europa e estava perfeitamente harmonizada com o cenário burguês. Vejamos o que o famoso historiador Eric Hobsbawm tem a nos falar sobre a valorização da arte.

Toda essa burguesia européia passou a dar um imenso valor à arte, passando a consumir a arte de forma nunca vista antes, um consumo crescente e acelerado. Poucos estavam prontos a gastar dinheiro tão livremente com as artes e, em termos puramente quantitativos, nenhuma sociedade precedente comprou tamanha quantidade de livros velhos e novos, objetos materiais, quadros, esculturas, estruturas decoradas, de madeira e bilhetes para representações teatrais ou musicais.<sup>8</sup>

No Brasil, a faiança fina foi densamente utilizada pela sociedade e conseqüentemente, este consumo deixou numerosos vestígios e evidências arqueológicas em diferentes sítios históricos por todo o país.<sup>9</sup> Peculiarmente no espaço fronteiriço a oeste do Rio Grande do Sul a cerâmica chegada da Europa entrava na região através da navegação do Estuário do rio da Prata e por sua vez alcançando os caminhos do rio Uruguai.

O intenso comércio mantido com as cidades portuárias de Buenos Aires na Argentina e Montevideu no Uruguai era na maioria dos casos, realizado por um significativo número de imigrantes ingleses e franceses que se encontravam residindo em Uruguiana.<sup>10</sup>

Este antigo comércio promoveu a obtenção de um crescente desenvolvimento urbano e manteve desta forma um modelo de organização social onde os valores culturais da sociedade burguesa<sup>11</sup> eram mantidos assegurados pelo capital econômico e por uma série de tendências

---

<sup>7</sup> A questão da significação conduz de imediato a uma abordagem dos fenômenos de denotação e conotação do signo. De um signo denotativo pode-se dizer que ele veicula o primeiro significado derivado do relacionamento entre um signo e seu objeto. Já o signo conotativo põe em evidencia significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo / objeto. Em / o tutu estava espalhado sobre a mesa /, o signo / tutu / pode atribuir à mensagem duas diferentes significações, conforme o entrono maior que a envolve: denotativamente pode-se entender que sobre a mesa /, fora espalhado o prato à base de feijão; conotativamente, que sobre a mesa havia dinheiro espalhado. Em *outras inquisiciones*, Jorge Luis Borges fornece um exemplo literário, mais rico que o anterior. “Ao falar das alegorias, trata dos dois conteúdos abrangidos por uma forma: um, o imediato ou literal (denotativo, diríamos), de que é exemplo: Dante, guiado por Virgílio, chega a Beatriz”. O outro figurativo (em nossa terminologia, conotativo): “o homem enfim chega à fé, guiado pela razão”. NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, Informação e Comunicação*. Coleção debates: Semiótica. São Paulo - SP. 1990. Editora Perspectiva S.A. P.24.

<sup>8</sup> HOBBSAWN, Eric J. *A era do capital, 1848-1875* / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

<sup>9</sup> A faiança fina foi à classe de louça doméstica mais popular no Brasil oitocentista, começando a ser importada principalmente da Inglaterra após a abertura dos portos em 1808. TOCCHETTO, Fernanda B. *A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios arqueológicos de uma cidade /por/ Fernanda Bordin Tocchetto / e outros/ Porto Alegre, EU / Secretaria Municipal da Cultura, 2001. 168p. P. 22.*

<sup>10</sup> O viajante francês Avè-Lallemant no ano de 1858 relata Uruguiana como sendo uma vila com cerca 2.000 habitantes, movimentada por uma atividade comercial bem definida atribuída aos europeus que aqui viviam e por quase não se identificar em Uruguiana um modelo de cidade brasileira, mas sim uma hispano-francesa. COLVERO, Ronaldo B.; *Negócios Na Madrugada, O Comércio Ilícito na Fronteira do Rio Grande do Sul, Passo Fundo: UPF, 2004.*

<sup>11</sup> *Burguesia: Em seus princípios do comunismo (1847), Engels define burguesia como “a classe dos grandes capitalistas que em todos os países desenvolvidos, detém hoje em dia, quase que exclusivamente, a propriedade de todos os meios de consumo e das matérias primas e instrumentos (máquinas, fábricas) necessários a sua produção”.* Ver mais em: *Dicionário do pensamento marxista / Tom Bottomore, editor; Laurence Harris, V.G. Kiernan, Ralph Miliband, co-*

européias relacionadas às formas de comportamento da sociedade. Estes valores passam por importâncias econômicas e caracterizam-se atingindo modelos sociais, de princípios, etiquetas e comportamentos, extremamente ligados às formas decorativas, as artes, a cultura<sup>12</sup> e a estirpe burguesa. Isso tudo, ligado à representatividade e a intencionalidade dos bens de consumo, entre estes bens, quero destacar aqui a faiança fina européia.

Cada vez mais, as considerações de estilo e de estética passaram a preceder as utilitárias. Que um objeto não tenha se exaurido em sua utilidade não é mais motivo suficiente para sua preservação; se ele é ou não capaz de satisfazer a condição mais importante de estar na moda é agora o fator decisivo. Este desenvolvimento representa um triunfo do estilo sobre a utilidade, da estética sobre a função e, mais importante, exprime uma redefinição radical da idéia de status e do uso dos bens para expressar status. Se antes os bens carregavam a mensagem de status através de sua “pátina”, agora eles a carregam através de seu aspecto novo. Isso já era verdade para certos bens, como o vestuário, desde o período elisabetano, mas agora passaram a abarcar novas categorias de produtos, como as cerâmicas e a mobília.

<sup>13</sup>

Os remanescentes arqueológicos<sup>14</sup> da área urbana de Uruguiana estavam perfeitamente relacionados em um contexto onde a estrutura residencial caracterizava-se pela influência do arquétipo arquitetônico europeu.

Esta indução é perceptível na sua decoração e formato físico, possuindo grandes aberturas frontais, adornos, colunas e influências do neo-classismo. Também os materiais empregados no casario, como telhas, e grés com denominações estrangeiras proporcionaram a percepção e a legitimação da presença da cultura européia.<sup>15</sup>

Associado a este conjunto, foi possível encontrar fragmentos de faiança fina logo nas primeiras intervenções, que foram coletas superficiais na parte posterior da estrutura.

---

editores; [tradução, Waltensir Dutra; organizadores da edição brasileira, revisão técnica e pesquisa bibliográfica suplementar, /Antonio Moreira Guimarães]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. P. 38.

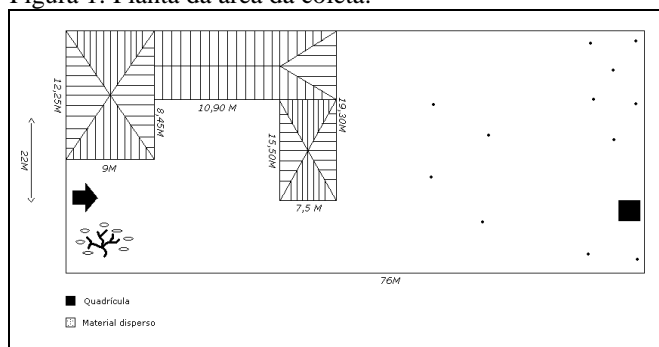
<sup>12</sup> Robert C. Dunnell define o “conceito de cultura” dizendo que pode ser entendido como; “significando idéias compartilhadas e nada mais”. DUNNELL, Robert C., 1942 – Classificação em Arqueologia / Robert C. Dunnell; tradução Astolfo G. M. Araujo. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

<sup>13</sup> McCracken, Grant Cultura e Consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. P.39.

<sup>14</sup> A arqueologia estuda, diretamente, a totalidade de material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico. FUNARI, Pedro Paulo. Arqueologia / 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>15</sup> Desde sua constituição como países independentes, as nações latino-americanas vêm apresentando grandes dificuldades em se libertar da condição colonial. Mesmo que a maioria destes países já esteja se aproximando do segundo centenário de sua administração autônoma, a condição de países periféricos aos grandes centros econômicos mundiais fomentou o desenvolvimento também dependente destes mesmos centros. Isso vale para a cultura em geral e para a arquitetura em particular. WEIMER, Günter. As relações Arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os Países do Prata: VI encontro de teoria e história da arquitetura no Rio grande do Sul Universidade integrada do alto Uruguai e das missões URI – campus Santiago. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Organizadores: Macklaine Miletho Silva Miranda, Nelci Fatima Denti Brum. Santa Maria: Pallotti, 2002. P 13.

Figura 1: Planta da área da coleta.



Fonte: O autor (2009).

Levamos em consideração as condições adversas em que se encontrava o solo da área pesquisada. A sua perturbação era constantemente mantida devido ao cultivo de hortaliças e acúmulo de lixo ali depositado recentemente.

Provavelmente a antiga lixeira onde os artefatos haviam sido depositados já havia sofrido intervenções o que deveria ter causado a dispersão de todo o material pelo terreno e reduziram assim as possibilidades de uma melhor análise do sítio.

No transcurso do trabalho, abri um poço teste medindo 2m<sup>2</sup> de onde foram retirados fragmentos de faiança fina, vidrarias e metais em decomposição. Foram coletados na residência fragmentos de louças provindas da Europa com os seguintes padrões decorativos: Faixas e frisos, willow, azul borrão, cut sponge entre frisos coloridos, spatter e faianças com o padrão trigal de superfície modificada.

Figura 2: Decoração Cut Sponge.



Fonte: O autor (2009).

Figura 3: Decoração Spatter.



Fonte: O autor (2009).

Para demonstrar a simbologia inerente à louça, vou utilizar o modelo proposto pela teoria da interpretação dos signos, a semiótica. Mas momentaneamente vou me deter em identificar apenas os termos: significante, significado e signo, apresentados por Roland Barthes em sua obra Mitologias.

Com isso busco entender a gênese da representação de status social que se atribuíra à faiança fina em Uruguaiana.

Logo, a louça por si só, é denominada um significante, para Barthes o significante é vazio, e não tem sentido algum. Mas o significado de *status* quando a ela é relacionado irá formar o signo. Vejamos que o significante e o significado existem antes de formarem o sentido representativo do caso. Para tornar essa análise mais objetiva irei transcrever abaixo o exato exemplo dado por Barthes, substituindo as rosas, por ele usadas, pela faiança fina e o termo paixão, que por ele foi utilizado por significado, por o que é enfatizado neste trabalho, o *status*.

Tomemos a faiança fina: faço-a significar o *status*. Não existem apenas aqui um significante e um significado, a faiança e o *status*? Nem se quer isso: pra dizer a verdade, só existem faianças “passionalizadas”, em nosso caso, “representativas”. Mas, no plano da análise, estamos perante três termos, pois estas faianças carregadas de *status* deixam-se perfeita e adequadamente decompor em faianças e em *status*. Este e aquelas existiam antes de se juntarem e formarem este terceiro, que é o signo.

Do mesmo modo que, no plano da experiência, do vivido, não posso dissociar as faianças da mensagem que transportam, assim no plano da análise não posso confundir as faianças como significante e as faianças como signo: O significante é vazio, o signo é pleno, é um sentido.<sup>16</sup> A simbologia e a representação nos artefatos são confirmadas no presente estudo. Quando a sociedade passou a aplicar a faiança fina um apreciável “*status*”, o fato de se por a mesa para a consumação de um chá ou para se tomar um café na presença de convidados implicava a peça uma linguagem simbólica que delineava a comunicação implícita dos valores burgueses impostos ao meio social.

Contudo, as mudanças que foram acontecendo na sociedade com a constante assimilação da cultura e do comportamento europeu, não foram categóricas e nem asseguradoras de um fortalecimento econômico, político ou social em Uruguaiana nos anos vindouros.

---

<sup>16</sup> Recordo, portanto que toda a semiologia postula uma relação entre dois termos, um significante e um significado. Relacionando objetos de ordem diferente não constitui uma igualdade, mas sim, uma equivalência. É preciso esquecer que, contrariamente ao que sucede na linguagem comum, que me diz simplesmente que o significante exprime o significado, deve-se considerar em todo o sistema semiológico não apenas dois, mas três termos diferentes, pois o que se aprende não é absolutamente um termo, um após o outro, mas a correlação que os une: temos, portanto o significante, o significado e o signo, que é o total associativo dos dois primeiros. Tomemos um ramo de rosas: faço-o significar a minha paixão. Não existem apenas aqui um significante e um significado, as rosas e a minha paixão? Nem se quer isso: pra dizer a verdade, só existem rosas “passionalizadas”. Mas, no plano da análise, estamos perante três termos, pois estas rosas carregadas de paixão deixam-se perfeita e adequadamente decompor em rosas e em paixão. Esta e aquelas existiam antes de se juntarem e formarem este terceiro, que é o signo. Do mesmo modo que, no plano da experiência, do vivido, não posso dissociar as rosas da mensagem que transportam, assim no plano da análise não posso confundir as rosas como significante e as rosas como signo: O significante é vazio, o signo é pleno, é um sentido. BARTHES, Roland. Mitologias / Roland Barthes; tradução de Rita Buongiorno e Pedro Souza. – 11<sup>o</sup> ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. P. 134/135.

## Referencias bibliográficas:

BARTHES, Roland. *Mitologias* / Roland Barthes; tradução de Rita Buongiorno e Pedro Souza. – 11<sup>o</sup> ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. P. 134/135.

COLVERO, Ronaldo B.; *Negócios Na Madrugada, O Comércio Ilícito na Fronteira do Rio Grande do Sul*, Passo Fundo: UPF, 2004.

DUNNELL, Robert C., 1942 – *Classificação em Arqueologia* / Robert C. Dunnell; tradução Astolfo G. M. Araujo. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia* / 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. *A era do capital, 1848-1875* / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

McCRACKEN, Grant *Cultura e Consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MILLER, Daniel. *Coca-cola: a black sweet drink from Trinidad*. In: BUCHLI, Victor. (Org.) *The Material Culture Reader*. New York: Berg, 2002.

NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, Informação e Comunicação*. Coleção debates: Semiótica. São Paulo - SP. 1990. Editora Perspectiva S.A. P.24.

PINTO, Luís Flodoardo Silva. *A Batalha de Uruguaiana: Episódio da guerra da tríplice aliança (1864 – 1870)*. Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, AGE 2002.

PEIXOTO, Luciana. *Catálogo de faiança fina da residência de conselheiro Maciel* / UFPEL, 2004.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti, *História regional: dimensões teórico-conceituais – História debates e tendências – Passo Fundo*. V1. N 01. P 15-22. Junho de 1999.

RHODEN, Luiz Fernando. *As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países do Prata* / Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

ROSA, Estefânia Jaékel da; SILVEIRA, Graciela Fonseca. *Projeto de Salvamento Arqueológico da Área Urbana de Pelotas* / UFPEL

SHÁVELZON, Daniel. *Catálogo de cerâmicas históricas de Buenos Aires (siglos XIX e XX)*. Com notas sobre la región del Rio de la Plata / Buenos Aires: Fundación para la Investigación del Arte Argentino, 2001.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX / Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

TOCCHETTO, Fernanda B. A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios arqueológicos de uma cidade /por/ Fernanda Bordin Tocchetto / e outros/ Porto Alegre, EU / Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: A busca de Interfaces Metodológicas – LÓCUS, Revista de história, Juiz de Fora, Vol. 3 nº 1 – P. 34 – 97.

WEIMER, Günter. As relações Arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os Países do Prata: VI encontro de teoria e história da arquitetura no Rio grande do Sul Universidade integrada do alto Uruguai e das missões URI – campus Santiago. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Organizadores: Macklaine Miletho Silva Miranda, Nelci Fátima Denti Brum. Santa Maria: Pallotti, 2002. P 13.

WEINSTEINS, Bárbara História regional versus história nacional: repensando as categorias de uma perspectiva comparativa. Territórios e Fronteiras - Revista do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.